



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 18, nº. 1, janeiro-junho, 2021, p.25-36
DOI: 10.23925/1809-8428.2021v18i1p25-36

A TRAGÉDIA E O TRÁGICO DA AÇÃO NA ÉTICA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

José Vanderlei Carneiro

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (PPGFIL/UFPI).
vanderleicarneiro@ufpi.edu.br

Aluizio Oliveira de Souza

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC).
a.filo@hotmail.com

Resumo: Este artigo visa apresentar uma discussão sobre a tragédia grega e o trágico da ação juntamente com suas implicações na ética narrativa de Paul Ricoeur; a demonstrar um quadro teórico apresentando outros pensadores que desenvolveram posições, argumentos e teorias acerca da tragédia e do trágico. Também, considera-se neste texto, averiguar termos conceituais como: “divino”, “teologia”, “conflito” e “transcendência”, com intuito de saber seus vínculos com a ética. Desse modo, são utilizados três textos de Ricoeur presentes nas obras – *A simbólica do mal*, *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia* e *O si-mesmo como outro*. Por fim, importa verificar algumas lentes interpretativas na relação entre tragédia e trágico com a ética e em que medida ocorre aproximações e distanciamentos de tais questões.

Palavras-chave: Ética. Paul Ricoeur. Tragédia. Trágico.

THE TRAGEDY AND THE TRAGIC OF ACTION IN PAUL RICOEUR'S HERMENEUTIC ETHICS

Abstract: *This article aims to present a discussion of Greek tragedy and tragic action with its implications for Paul Ricoeur's narrative ethics; demonstrate a theoretical framework presenting other thinkers who have developed positions, arguments and theories on tragedy and the tragic. Also, it is envisaged in this text, to study conceptual terms such as: “divine”, “theology”, “conflict” and “transcendence” in order to know their links with ethics. Thus, three texts by Ricoeur present in the works are used - *La symbolique du mal*, *Lectures 3: aux frontières de la philosophie* and *Le moi comme un autre*. Finally, it is important to check out some interpretive lenses in the relationship between tragedy and tragedy with ethics and the extent to which there are approximations and distances from these issues.*

Keywords: *Ethics. Paul Ricoeur. Tragedy. Tragic.*

Introdução

O tema tragédia ou trágico da ação não é assunto que passa despercebido do pensamento filosófico de Ricoeur. É uma temática que, quando não está referenciado em seus textos, aparece em suas principais obras tais como: *Simbólica do mal*, *O si-mesmo como outro* e *O justo 2*. Ricoeur dedica, ao menos diretamente, três textos a essa temática. O filósofo repensa teorias e críticas de outros pensadores que discorrem sobre a tragédia (Scheler, Nebel, Jaspers e outros) e desenvolve estudos em torno das noções de (divino, transcendência, teologia, dentre outras), propondo análises, argumentações e comentários a respeito da tragédia clássica (*Prometeu Acorrentado*, *Édipo em Colono* e *Antígona*).

Este texto não pretende expor uma definição das noções de tragédia, de trágico e nem de ética na extensa obra de Paul Ricoeur. Também não discutiremos, nem defenderemos a tese de que Ricoeur elaborou uma ética-trágica, ou sustentar que o filósofo construiu uma ética a partir da tragédia. No entanto, importa, neste artigo, averiguar como Ricoeur tratou as noções do trágico e da tragédia em alguns escritos e como esses conceitos chegaram e foram desenvolvidos em sua ética hermenêutica, ou seja, em que medida existe uma relação entre ética e tragédia/trágico ou entre tragédia/trágico e ética, nestes escritos selecionados de Ricoeur.

Serão referências primordiais neste artigo alguns textos da obra de Ricoeur: *Justiça e verdade – O justo 2* (2008); *Sobre o trágico – Leituras 3: Nas fronteiras da filosofia* (1996); *O deus malvado e a visão “trágica” da existência – A simbólica do mal* (2020); e *O trágico da ação – O si-mesmo como outro* (2014).

Seguindo os textos acima, exporemos uma leitura para reflexão que segue dividido em três tópicos: Os interlocutores de Ricoeur e a tragédia (é uma exposição das ideias de alguns autores que Ricoeur escolheu para desenvolver um diálogo sobre a tragédia – a partir do texto: *Sobre o trágico*); Uma hermenêutica conceitual da tragédia (centramos em descrever alguns conceitos que são significantes na construção da tragédia em Ricoeur – corroborando como o texto: *O deus malvado e a visão “trágica” da existência*) e a Ética pela tragédia (uma leitura do texto *Trágico da ação*, da qual recorreremos para verificar a importância da relação da ética com a tragédia no pensamento de Ricoeur).

1 Os interlocutores de Ricoeur e a tragédia

Vamos iniciar com a relação de autores que discutiram o trágico e a tragédia a partir do texto *Sobre o trágico*. Diz Ricoeur (1996, p. 115), “reúno aqui alguns trabalhos dedicados ao trágico”. São apontamentos e descrições que Ricoeur reuniu e desenvolveu sobre os autores: Gerhard Nebel (1903 – 1974), tragédia e cristianismo; Henri Gouhier (1898 – 1994), tragédia e transcendência; Max Scheler (1874 – 1928) tragédia e fenômeno; Karl Jaspers (1883 – 1969), tragédia e saber. Ricoeur interpreta a posição de cada autor a respeito da tragédia.

Em Nebel duas questões são relevantes: a relação da tragédia grega com o cristianismo e a relação da tragédia com a filosofia grega. Ricoeur verifica que o olhar de Nebel para a tragédia grega é uma visada que se constitui com interpretações a partir da filosofia grega e da teologia cristã.

A sua compreensão só pode ser uma espécie de compreensão-fronteira a partir da filosofia grega e da teologia cristã que mataram a tragédia grega; é por sobre a sofística e Sócrates, por sobre o Gólgota e a Ressurreição que visamos ao trágico grego; e essa visada não pode atingir plenamente a sua meta (RICOEUR, 1996, p. 119).

Ricoeur encontra em Nebel uma leitura da “teologia” trágica por meio da teologia cristã. Para o filósofo francês, isso não seria um problema, tendo em vista, que toda leitura/interpretação tem um ponto de partida, “de todo modo é de algum lugar que escutamos e entendemos” (RICOEUR, 1996, p. 119). Indo direto ao ponto, as questões que preocupam Ricoeur, parecem que são as faltas de estranhezas, de complexidades e de problematizações, o filósofo afirma que: “Temo apenas que Nebel tenha sistematizado essa confrontação fixando-a em uma relação clara demais” (RICOEUR, 1996, p. 119). Essa totalidade de clareza não implica nas resoluções das problemáticas, tanto mais, referindo-se a um período distante como é o caso da tragédia grega, na qual existem incontáveis lacunas. Ricoeur percebe que em Nebel fica a impressão de que tudo está claro, compreensível demais à tragédia e ao trágico.

Ricoeur aponta dois lados dessa “clareza” (talvez essa “relação clara demais” seja em detrimento de uma leitura por intermédio da teologia cristã). “Por um lado, Nebel aproxima demais o trágico grego da doutrina cristã do homem [...], por outro, ele descreve a fé trágica como fé frustrada em relação à revelação cristã” (RICOEUR, 1996, p. 119). Cabe dizer que não são questões fáceis de resolver e procurar solução é construir tentativas que podem ser perigosas, movediças, incognoscíveis na medida em que se aproximam daquilo que Ricoeur chamou de “caráter adivinhatório da interpretação” (RICOEUR, 1988, p. 22). As temáticas tragédias e trágico são complexas e exigem um alto nível literário. Logo, a resolução para tais complexidades não pode surgir de um psicologismo, nem está subordinado à problemática de caráter filológico e exegético a uma questão simplesmente subjetivista.

Ricoeur parece não considerar que a tragédia grega seja tão simples e de fácil compressão. “Finalmente, é sem dúvida importante que as oposições e as assimilações permaneçam incertas e como que *en sursis* e que a tragédia grega apareça em sua alteridade pura e simples, em sua estranheza incoordenável e insituável” (RICOEUR, 1996, p. 121). A “facilidade” e “clareza” não creditada por Ricoeur se dá por causa, do solo interpretativo do cristianismo.

Na relação entre filosofia grega e tragédia grega, Ricoeur destaca (de maneira negativa) a sofística. Ricoeur diz que Nebel vê uma “visão antitrágica da sofística [...], a sofística é a antítese da tragédia grega” (RICOEUR, 1996, p. 121). Uma das questões que corroboram com essa antitrágica é a pedagogia. O âmbito pedagógico é abordado para a distinção entre filosofia e tragédia no seguinte sentido: “O otimismo pedagógico dos sofistas, a sua vontade de fazer cultura moral e política, uma “habilidade”, uma “técnica” opõem-se diretamente ao conhecimento doloroso da finitude que a tragédia institui” (RICOEUR, 1996, p. 121). Com isso, é possível dizer que os sofistas elaboraram técnicas para um aprendizado

inteiramente distinto do sofrimento, talvez, uma pedagogia para combater a dor, o doloroso, distante das poesias dos coristas.

Para Gouhier (outro interlocutor de Ricoeur), a definição de trágico é mais ampla que a tragédia grega? Se a tragédia grega é mais significativa, mais extensa é porque se levou em consideração a história do teatro e a origem da tragédia. “Se a definição do trágico é de início mais ampla, menos devedora ao trágico grego, é porque ela não está subordinada à história do teatro e principalmente à origem da tragédia” (RICOEUR, 1996, p. 122). Sim, para Gouhier o trágico é mais amplo, porque o método é outro. Essa questão da definição e da escolha entre trágico e a tragédia grega, implica no modo como será desenvolvido o trabalho, “o modo reflexivo e não histórico” (RICOEUR, 1996, p. 123). É a escolha de um método que consequentemente nega outro, nessa seleção de Gouhier um elemento se faz primordial, a saber: a transcendência.

Como Gouhier não parte da história do teatro, nem da origem da tragédia, a tese é de que o trágico grego é o fluir da tragédia, ou seja, é um trágico imbuído de transcendência, por conseguinte, a-temporal e a-espacial. Ricoeur demonstra que, na escrita de Gouhier, a tragédia grega é secundária em relação ao trágico da transcendência. “O trágico grego não é de direito senão um “caso” do trágico; e de direito há um trágico cristão e tantos trágicos quanto as transcendências que o teatro é capaz de evocar” (RICOEUR, 1996, p. 124). “Não há tragédia sem transcendência” (RICOEUR, 1996, p. 123), a transcendência é capaz de apresentar e de desenvolver diversos trágicos e não apenas o grego ou o cristão, mas tantos outros possíveis.

Verifica-se que a transcendência se impõe em um nível importante para o trágico. Portanto, compreender o trágico pela transcendência implica, ao menos, duas questões: primeiro, a relação liberdade e destino ou seu contrário; segundo, o trágico não se conclui na morte, a morte não é o *télos* do trágico. Dessa maneira, Ricoeur entende que Gouhier está em concordância com a ideia de que tragédia cristã atrela a morte ao trágico transcendente.

Ricoeur destaca que em Scheler, o “fenômeno do trágico” se distingue de Nebel e de Gouhier, pois esses estavam preocupados “em ir no até o sentido trágico a partir das obras” (RICOEUR, 1996, p. 128), mesmo que por meios distintos. O “fenômeno do trágico” (RICOEUR, 1996, p. 128) defendido por Scheler e apontado por Ricoeur se refere “a medida da criação, da obra, do espetáculo trágicos. O que o trágico é domina até mesmo as interpretações do mundo que as épocas de cultura trazem e levam” (RICOEUR, 1996, p. 128). Logo, não se compreende ou não se chega ao trágico por meio das obras, mas, são alcançados pelos fenômenos; os fenômenos trágicos são os impulsionadores, as pulsões da história, da obra e do mundo. Como sendo secundária, a obra não pode levar até o trágico, por conseguinte, ir até o trágico é deixar-se conduzir pelos próprios “fenômenos” dos trágicos.

A ética e o valor são características delineadoras para o trágico no pensamento de Scheler. “Além disso, ao pôr o problema do trágico a partir dos valores e de seus portadores, o filósofo adota como nível de referência o nível ético, enquanto o nível original da tragédia é metafísico e teológico” (RICOEUR, 1996, p. 129). Segundo Ricoeur, mesmo tendo algumas variações temáticas, Scheler segue com uma demanda de investigação relacionando tópicos como: “a tristeza do trágico” (RICOEUR, 1996, p. 130), “a falta trágica” (RICOEUR, 1996, p. 131), sempre no âmbito da ética.

“O saber trágico”, em Jaspers, é a discussão desenvolvida por Ricoeur na busca do conceito e da delimitação da tragédia grega. A análise constituída e compartilhada por Ricoeur sobre o saber trágico de Jaspers implica em algumas considerações:

O saber trágico está próximo dessa perfeição filosófica do ser verdadeiro, mas não é nada além de uma aproximação pré-filosófica: com efeito, o saber trágico realiza uma transição; ele é por inteiro transição [...]. O saber trágico é limitado por cima porque ele ainda está preso a imagens. Ele é um dos modos da “perfeição da verdade nas intuições originais”; ele partilha esse caráter com a poesia, os mitos, as artes plásticas e os elementos culturais da religião (RICOEUR, 1996, p. 132).

Na análise de Ricoeur “o saber trágico”, desenvolvido por Jaspers, apresenta algumas particularidades conceituais/filosóficas, cabe aqui destacá-las: a transição, o movimento e a religião. Esse primeiro ponto indica que o saber trágico ainda não é o filosófico como verdadeiro, porém, está na direção da verdade, na orientação do verdadeiro, é a transição por conta dessa passagem de um lugar, do não ser para o ser, do não verdadeiro para o verdadeiro.

O segundo ponto, referente ao “saber trágico” é o movimento, Ricoeur descreve o seguinte: “Com efeito, uma ideia retorna com insistência: a tragédia não é apenas, nem mesmo essencialmente, um olhar para o trágico, uma representação do trágico, mas um movimento do próprio trágico na direção de outra coisa, em vista de uma libertação” (RICOEUR, 1996, p. 133). Aqui, Jaspers (na leitura de Ricoeur) expõe seu completo distanciamento dos autores citados acima. Isto é, para Jaspers, não seria única e peremptoriamente uma história, uma teologia, uma transcendência ou uma ética, no entanto, configura um movimento, direcionado, voltado para a libertação.

Terceira e última característica (do “saber trágico” de Jaspers), abordada por Ricoeur, é a religião. A questão que se coloca não é a religião como inerente ou interligada à tragédia ou ao saber trágico, mas à religião como aniquiladora da tragédia. “Entre as destruições do trágico, Karl Jaspers situa a religião” (RICOEUR, 1996, p. 135), para outros, talvez, situando (como no início dos comentários sobre Nebel) entre a filosofia grega e o evangelho de Cristo. “O trágico grego morreu em sua raiz com Cristo” (RICOEUR, 1996, p. 135), o que transparece é que, de um modo ou de outro, a religião não alcançou ou não suportou o impacto do trágico, pelo menos, nas religiões abraâmicas. A impressão é a de que o fim não pode, não poderia ser trágico; a tragédia insuportável aos ditames do humano; portanto, faz-se necessário a construção de um *telos*, uma eternidade feliz, confortante, salvificadora.

2 Uma hermenêutica conceitual da tragédia

Na obra, *A simbólica do mal*, mais especificamente, em “O deus malvado e a visão “trágica” da existência”¹, Ricoeur desenvolve dois tipos de mito de origem e de

¹ Subtítulo retirado do capítulo dois da obra *La Symbolique du Mal* (RICOEUR, 2020, p. 229).

fim do mal. O primeiro é referente aos “mitos teogônicos sumério-acadianos” (RICOEUR, 2020, p. 193), o segundo trata sobre “a tragédia grega” (RICOEUR, 2020, p. 230). Este último é nosso tema de pesquisa. De forma simultânea, Ricoeur descreve o mito e também reproduz uma análise (impressões e apontamentos) das obras clássicas tanto da mitologia quanto da tragédia grega, como: *Ilíada* de Homero; *Teogonia* e *Trabalhos e dias* de Hesíodo; A trilogia *Orestéia*, *Prometeu Agrilhado* e *Os Persas* de Ésquilo; *Édipo em Colono* e *Antígona* de Sófocles. Mesmo expondo algumas impressões sobre as obras trágicas, Ricoeur não deixa de apresentar e confrontar as posições dos seus interlocutores: Max Scheler, Gerhard Nebel, Bruno Snell e Karl Jaspers.

Apresentaremos, então, alguns termos-conceituais que acrescentam para compreensão e ampliação sobre a tragédia grega e sobre o trágico da ação, são eles: a “teologia”, o “divino” e o “compreender”. Esses termos-conceituais não são distintos, isolados ou desconexos, ao contrário, estão muitas vezes interligados, complementando-se entre si e acordando em conjunto de conexões entre homens e homens, deuses e deuses e homens e deuses do mundo antigo.

Seria possível pensar a tragédia nos moldes de uma teologia? Porque não a tragédia como teologia fundamentada, sistematizada, reorganizada como religiosidade de estado? Não é exatamente o que se pretende alcançar com a tragédia, isto é, a teologia estabelecida não tem o propósito de “santificar” ou de “ordenar” a teologia trágica. Se a consciência religiosa hesita, por isso, em formular a teologia trágica é porque ela professa “a inocência de Deus”, para falar à maneira platônica, a sua “santidade” em linguagem bíblica. “Formular de forma explícita a teologia trágica seria para a consciência religiosa a destruição de si própria” (RICOEUR, 2020, p. 244).

Quando Ricoeur cita a “consciência religiosa”, não se é desenvolvido uma distinção, entre consciência coletiva ou consciência individual, o filósofo não diferencia grupo de indivíduos ou individualidade de coletividade, independentemente, a formulação da “teologia trágica” remeteria ao destrutivo fim da “consciência religiosa”; também, é possível inferir que essa “consciência religiosa” estivesse relacionada à estrutura de dogmas religiosos, de todo modo, ela não resistiriam ao impacto da tragédia, ou seja, é inconcebível a tragédia como uma “teologia sistemática”.

Seria difícil a exposição da “teologia trágica” numa perspectiva de “consciência religiosa”, considerando tanto uma coletividade quanto uma subjetividade, tendo em vista, que teria que seguir alguns dogmas (um sistema doutrinário), que são diferenciados e opostos de uma conjuntura trágica. São momentos que não estão formalizados, nem organizados dentro do campo religioso doutrinador, não tem perspectiva de verdade absoluta revelada, distante disto, podemos citar como exemplo: o coro, a mimica, o cenário aberto, o poético/lírico, o drama/mítico, são elementos que compreendem uma mensagem embebida de liberdade com transcendência, dor e sofrimento.

Além dos elementos citados, torna-se pertinente dizer que a teologia trágica ultrapassa o movimento do pensamento, não restringe a um movimento reflexivo do pensamento. “Será que a teologia trágica é pensável? A tragédia não a elabora reflexivamente, mostra-a por meio de personagens, num espetáculo, sob um manto poético e através das emoções específicas do terror e da piedade” (RICOEUR, 2020, p. 244).

Concluindo estas circunstâncias de aspectos que constroem e reconstroem a teologia trágica é preciso considerar um termo conceitual pensado e descrito por Ricoeur chamado de “a culpabilidade do ser”. O conceito expressa não apenas culpa, mas culpabilidade, que é humana e dos deuses, por isso transcendente e que, conseqüentemente, se distingue da finitude. “Existe, portanto, uma culpabilidade de Prometeu que se engloba na de Zeus pelo suplício que sofre dele e, em alternância, engloba a de Zeus pelo segredo com o qual o ameaça. Penso que é essa culpabilidade que Ésquilo quis expressar [...] (RICOEUR, 2020, p. 242). Uma culpabilidade nos meandros da “teologia trágica”.

Ricoeur põe o tema do divino como antes da tragédia grega e, mais que isso, é uma temática que esteve e está presente em todas as sociedades culturais. “O primeiro e principal tema pré-trágico não é especificamente grego; surge em todas as culturas, sempre que a iniciativa responsável pela falta é remetida para o divino, e que essa iniciativa divina é considerada como fraqueza do homem [...]” (RICOEUR, 2020, p. 231).

Nessa noção de divino é possível encontrar algumas características. Uma delas é a produção de relações com o sagrado e o diabólico, como o bem e com o mal. Na escrita de Ricoeur não há diferenciações entre sagrado e profano; os dois são divinos, o deus é bondoso, mas pode ser também malvado.

a figura ambígua tende para o trágico, essa polarização não se produz e quando o mesmo poder divino aparece como princípio de bom conselho e como capacidade para desviar o homem; a indistinção entre o divino e diabólico é, deste modo, o tema implícito dessa teologia e dessa antropologia trágicas (RICOEUR, 2020, p. 231).

O divino do trágico é também o lugar do conflito, o bem e o mal interagem em conflituosa disputa, no entanto, sem a exclusão nem de um, nem de outro, “o mito trágico tende a concentrar o bem no mal no cume do divino” (RICOEUR, 2020, p. 234). Como uma das principais características do trágico, o divino, apresenta como figura suprema, a imagem trágica do grande Zeus, que não está limitado ou condicionado somente a ações do bem ou do mal.

Uma pedagogia do compreender na tragédia. Será, porventura, sustentável uma espécie de pedagogia na tragédia? Que tipo de educação encontraríamos nas linhas e entrelinhas da tragédia grega? Ricoeur nos apresenta alguns esboços sobre o “compreender”. “É o sentido do $\phi\rho\nu\nu\epsilon\acute{\iota}\nu$ trágico, desse “sofrer para compreender”, que o coro celebra no *Agamémnon* de Ésquilo” (RICOEUR, 2020, p. 246).

É preciso compreender para superar os sentimentos de medo, de atemorização, de aterrorização e de lamentações. Ricoeur aponta esses sentimentos são estabelecidos como modalidade para compreensão. E que essa questão da aprendizagem por meio do sofrimento já estava presente desde muito tempo. Hesíodo em suas obras fez algumas referências.

Terror e piedade são, uma e outra, modalidades do sofrer, mas de um sofrimento que podemos chamar sofrimento de destino, dado que é preciso o retardamento e a aceleração de um destino hostil e o

ministério da liberdade heroica; razão pela qual estes sofrimentos nascem apenas na aura do mito trágico. Mas estes sentimentos são também uma modalidade do compreender: o herói torna-se aquele que vê. Quando perde a vista, Édipo acede à visão de Tirésias. Porém, aquilo que compreende nunca o vem a saber de um modo objetivo e sistemático. Hesíodo já dizia: é sofrendo que o insensato aprende (*Trabalhos e Dias*, 218) (RICOEUR, 2020, p. 249).

Sem sombras de dúvidas que estamos nos referindo são as narrativas míticas e tentando reconstruir um cenário histórico, cultural, ético e estético completamente distante e distinto do que vivenciamos hoje, porém, em que ponto está o limite do mítico e do ficcional? Será que na compreensão não existe certa quantidade de dor? O compreender algo ou alguma coisa não passa, em determinadas circunstâncias, pelo sofrimento? “<<Sofrer para compreender>>, trata-se da sabedoria trágica, do saber trágico, para falar como Karl Jaspers” (RICOEUR, 2020, p. 247)². Assim, parece que todo tipo de compreensão passa, de algum modo, pelo sofrimento; a ação do compreender (seja ela prática, reflexiva ou intelectual; racional ou empírica) exige um nível de dor, talvez para alguns, essa angústia dolorida ocorra no início, para outros acontece durante o processo e outros ocorrem ao fim do processo, em todo caso, têm aspectos de possibilidades.

3 A ética pela tragédia

No texto, *O trágico da ação*³, a questão entre ética e tragédia é levantada e posta em discussão por Ricoeur. Algumas problemáticas serão desenvolvidas, tais como: Ricoeur estabelece uma relação entre ética e tragédia? Quais os imbricamentos, na perspectiva do filósofo, existem entre as noções: tragédia grega, trágico e ética hermenêutica?

O conceito significativo de *phrónesis*, que Ricoeur desenvolve na obra *O si mesmo como outro* (2014), encontra-se no *Livro VI de Ética a Nicômaco* (1973) de Aristóteles. Este propõe alguns excertos pontuais sobre o termo (*phrónesis* em grego, *prudencia* em latim, na tradução em uso se chama de *sabedoria prática*), a saber:

Segue-se daí que, num sentido geral, também o homem que é capaz de deliberar possui sabedoria prática [...]. Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem. [...] A sabedoria prática deve, pois, ser uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito aos bens humanos (ARISTÓTELES, 1973, p. 344-345).

Na posição de Aristóteles, a sabedoria prática deve estar acompanhada de mais duas importantes características humanas, isto é, racionalidade e respeito.

² Para nossa contemporaneidade, talvez, não seja cognoscível a noção de sofrer para compreender. A distância temporal é fator que contribui para esse não entendimento.

³ Subtítulo presente na obra *O si mesmo como outro* (2014).

Homem, deliberação e sabedoria prática são os elementos essenciais nessa construção ética, implica dizer que as decisões e fundamentalmente as decisões difíceis precisam ser tomadas por homens com prudência. O deliberar não pode ser exclusivo de qualquer um, exige os “critérios” mencionados. Pois, “deliberação: consideração das alternativas possíveis que certa situação oferece à escolha. [...] Excluindo do âmbito dela não só o *necessário* (que não pode não ser), mas também o *fim*” (ABBAGNANO, 2007, p. 275). Nesse sentido, a sabedoria prática é sim, o exercício de uma tomada de atitude, uma ação pensada, raciocinada, refletida para uma escolha certa, em um momento de decisão difícil.

Ricoeur dirá que “no plano da sabedoria prática, que é o plano da *phrónesis*, da prudência como arte da decisão equitativa em situações de incerteza e conflito” (RICOEUR, 2008, p. 65) efetiva-se no ambiente do trágico da ação. A partir deste ponto, a pergunta a ser respondida é: como reconhecer o “ambiente do trágico da ação?” Verifica-se com clareza que, na perspectiva ricoeuriana, a sabedoria prática atua sempre neste campo perigoso, que são aqueles momentos da vida prática da qual serão imprescindíveis a tomada de decisão. O indefinido destino humano, a insegurança na temporalidade da existência, a desordem na condição da vida, as intermináveis desavenças entre os indivíduos são pequenos fragmentos do que pode representar o “ambiente do trágico da ação”.

Ricoeur no livro *O si-mesmo como outro* não especifica muito bem o que seria “o trágico da ação”, apesar de exemplificar perfeitamente por meio da literatura de *Antígona* e descrever com maestria algumas questões conceituais como: a catarse, o conflito, a não filosofia. No entanto, na obra *O justo II*, o filósofo clarifica ainda mais, o que seria “o momento do trágico da ação” apontando que:

Falta lembrar em algumas palavras de que modo a passagem do ponto de vista deontológico ao ponto de vista da sabedoria prática acarreta uma transformação da ideia de justiça. Ela incide sobre decisões difíceis que devem ser tomadas em circunstâncias de incerteza e conflito sob o signo do trágico da ação, quer se trate de conflito entre o respeito à norma e a solicitude às pessoas, que de escolhas que não seriam feitas entre o branco e o preto, mas entre o cinzento e o cinzento, que enfim de escolhas nas quais seja estreita a margem entre o mal e o pior (RICOEUR, 2008, p. 68).

O problema não estaria “entre o branco e preto” ou entre o bem e mal, não se trata deste tipo de deliberação, ou seja, não é sugerir, escolher ou simplesmente dizer sim ou não, mas a complexidade, neste caso, é elevada a um nível extremado. Desse modo, encontramos o momento da tragédia ou momento de atuação do trágico exatamente neste ponto de ruptura, no momento de se decidir “entre o cinzento e o cinzento”. É, pois, a angústia de ter que deliberar sobre o mal ou o pior. Aqui, Ricoeur aponta para a tragédia e o trágico na ética.

Em certo sentido, a própria *Antígona* restringiu às exigências fúnebres essas leis não escritas. Mas, ao invocá-las para fundamentar sua convicção íntima, ela estabeleceu o limite que denuncia o caráter humano, demasiado humano, de toda instituição. A instrução do ético pelo trágico procede do reconhecimento desse

limite. Mas a poesia não procede conceitualmente. [...] Nesse aspecto, uma das funções da tragédia em relação à ética é criar uma distância entre sabedoria trágica e sabedoria prática. Recusando-se a dar “solução” aos conflitos que a ficção tornou insolúveis, a tragédia, depois de ter desorientado o olhar, condena o homem da *práxis* a reorientar a ação, por sua própria conta e risco, no sentido de uma sabedoria prática em situação que corresponda melhor à sabedoria trágica (RICOEUR, 2014, p. 282-284).

Os principais pontos da tragédia em relação à ética; descrevo três. O primeiro, a tragédia como literatura e o próprio trágico em si operam um desvelamento, pelo menos em uma parte, daquilo que é o caráter humano. A tragédia literária produz um escâner de parte do comportamento humano, suas irregularidades morais, suas discrepâncias de valores, seus desnivelamentos nos sentimentos e ações. O segundo ponto é a sabedoria trágica e a sabedoria prática, a primeira como guia da segunda, porém, sem a perspectiva de resolução dos conflitos (nesse sentido deve haver uma distância), mas de uma reflexão possível no momento da deliberação, nos *hard cases* (casos difíceis) ter condições de tomar decisões guiadas pela sabedoria prática. O terceiro está ligado diretamente com o segundo e é a reorientação do homem da *práxis* pela ação e pelo trágico. É ter como parâmetro uma reorientação que considera e avalia os atos na tomada de decisão, é a sua própria atitude em ação considerando a reponsabilidade e a equidade, portanto, envolvendo o outro e as instituições justas.

Retomemos as noções de “catarse”, “conflito” e “não-filosófico”⁴, três características particulares da tragédia que influenciam na questão ética de Ricoeur. A catarse, que é a purificação das paixões, produz também uma elucidação que eleva a convicção; o conflito é o elemento presente no homem, nos seus princípios morais e nas suas constituições políticas⁵. Temas esses que não tiveram a mesma relevância para os grandes sistemas éticos filosóficos. Desse modo, é viável a tese de que a narrativa trágica e o trágico são significantes no pensamento ético hermenêutico de Ricoeur.

Sobre a noção de não filosófico a pergunta é: “de que fontes não filosóficas a filosofia se alimenta?” (RICOEUR, 1996, p. 115). Ricoeur demonstra que a filosofia precisa de outras fontes para se locupletar. O filósofo responde a pergunta do não filosófico a partir da tragédia grega, que implica dizer, as perguntas filosóficas não necessariamente precisam ser respondidas com filosofia, mas podemos utilizar outras narrativas; podemos dizer também que a ética ou a filosofia moral não precisam esperar pela “iluminação” da filosofia, porém, podem e devem se utilizar da literatura, do direito, da medicina e da bioética para pensar a *práxis* da vida. Podemos aludir que na ética de Ricoeur é significativa o ato da deliberação e em alguns casos esse deliberar será difícil e o conhecimento da tragédia e do trágico pode, nesse momento, ter importância para um “bem agir”, para uma boa tomada de decisão.

⁴ Três termos desenvolvidos a partir do texto. *Interlúdio: O trágico da ação* – da obra *O si-mesmo como outro* (2014).

⁵ Aqui pontuamos que na elaboração ética de Ricoeur não é descartada a tragédia ou trágico, nem seus elementos como “catarse” e “conflito”.

Considerações finais

Neste artigo, “a tragédia e o trágico da ação na ética hermenêutica de Paul Ricoeur”, desenvolvemos uma reflexão em torno das questões da tragédia e do trágico da ação, num esforço de demonstrar as implicações na ética narrativa do filósofo francês. Tomamos como base teórica *A simbólica do mal*, *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia* e *O si-mesmo como outro*. O propósito foi exatamente trazer para o debate, interlocutores desta temática, mais precisamente os conceitos de “divino”, “teologia”, “conflito” e “transcendência”. Relacionando com a noção de ética hermenêutica de Ricoeur.

Do trágico e a tragédia, Ricoeur retoma as leituras de Gerhard Nebel (1903 – 1974), Henri Gouhier (1898 – 1994), Max Scheler (1874 – 1928) e Karl Jaspers (1883 – 1969) e interpreta estes conceitos à luz de uma ética hermenêutica, afirmando que a religião tem a tarefa paradoxal de apagar a tragédia no evento crístico (RICOEUR, 199). A transcendência passa a ser um recurso da religião para suplantar o efeito do trágico na experiência humana, pelo menos nas religiões abraâmicas. Uma luta para alterar o tempo cósmico no sentido de configurar um tempo sem fim. Desta forma, a invenção de um *telos* passa ser uma alternativa para a ideia de eternidade feliz, confortante, redentora.

Sobre o tema do divino, vimos que Ricoeur ressalta a origem deste conceito desde antes da tragédia grega. A noção de “divino” é uma compreensão presente em todas as culturas. Se, por um lado, este conceito tem como características o sagrado e o diabólico, assim como o bem e o mal, por outro, o divino é lugar de conflito por ser relação entre o bem e o mal, sem excluir nem de um, nem de outro. Assim, o divino é uma característica importante do trágico presente na imagem trágica de Zeus.

Do conceito “conflito” relacionado a não filosofia, estudamos em Ricoeur que ele está associado ao “momento do trágico da ação”. Esse movimento vai de uma abordagem deontológica a uma aplicação da sabedoria prática relacionado à discussão sobre a justiça. Quanto ao conceito de “transcendência”, Ricoeur acompanha a tese de Gouhier, que defende que o trágico é constitutivo de transcendência, e Ricoeur coloca que a transcendência tem a capacidade de vislumbrar trágicos na sua pluralidade: grego, cristão e outros possíveis.

Sobre a ética hermenêutica, refletimos a partir da obra *A simbólica do mal*, a concepção trágica da existência que se expressa por meio dos mitos, tanto o mito de origem quanto o mito de fim do mal; se expressa, dessa forma, essa concepção de trágico passa pela realidade humana do sofrimento nas suas várias formas de interpretação, ou seja, prática, reflexiva, intelectual e empírica.

Por último, desenvolvemos a reflexão da “ética pela tragédia” partir do texto *O trágico da ação* que existe na filosofia de Ricoeur. Neste texto ele faz uma relação entre ética e tragédia. Com essa compreensão, elaboramos questões para pensar: como Ricoeur estabelece uma relação entre ética e tragédia? Como o filósofo francês articula um diálogo entre o conceito de tragédia, trágico da ação e ética hermenêutica? A ética hermenêutica aponta para os processos de deliberação em vista da boa decisão em torno dos casos difíceis, da dor e do sofrimento humano.

* * *

Referências:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornhem. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CARNEIRO, José Vanderlei. Ética no plural: uma bioética reflexiva atravessada na “pequena ética” de Paul Ricoeur. **Dissertatio**. São Leopoldo RS. Volume suplementar 8. p. 84-99, 2018.

JERVOLINO, Domenico. **Introdução a Ricoeur**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus editora, 2011.

_____. **A simbólica do mal**. Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2020.

_____. **La symbolique du mal**. Paris, França. Éditions Moutain, 1960.

_____. **Leituras 3: nas fronteiras da filosofia**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Da metafísica à moral**. Tradução de Silvia Menezes. Lisboa: Coleção: pensamento e filosofia. Instituto Piaget, 1995.

_____. **Ética e moral**. Tradução de António Campelo Amaral. Coleção: textos clássicos LusoSofia. Covilhã, 2011a.

_____. **Interpretação e ideologias**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro. F. Alves, 1988.

_____. **O Justo 2**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

_____. O problema do fundamento da moral. Tradução de Gonçalo Marcelo. **Études Ricoeuriennes/Ricoeur Studies**. Pittsburgh. p. 129-145, 2011b. Acesso em: 09 de setembro de 2020.

_____. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **Soi-même comme un autre**. Paris, França. Éditions du Seuil, 1990.

_____. **Vivo até a morte**: seguido de fragmentos. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**: Édipo Rei, Édipo Rei em Colono, Antígona. Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.